

O COTIDIANO DA HISTÓRIA



Martin Cezar Feijó

A democracia grega



editora ática

A democracia grega
© Martin Cezar Feijó, 1987

Diretor editorial	Fernando Paixão
Coordenação	Mustafá Yazbek
Coordenadora editorial	Maria Dolores Prades
Editora assistente	Wally Constantino
Preparadores (Uma visão da História)	Gislane Campos Azevedo
Coordenadora de revisão	Reinaldo Seriacopi
Revisora	Ivany Picasso Batista
	Rita Costa
ARTE	
Projeto gráfico	Marcos Lisboa
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Moacir K. Matsusaki
Tratamento de imagem	Cesar Wolf
Pesquisa iconográfica	Etoile Shaw
Mapa	Maps World
Imagem da capa	Pintura em vaso grego com lolas e Atena/Corbis

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F328d
15.ed.

Feijó, Martin Cezar, 1951-
A democracia grega / Martin Cezar Feijó ; ilustrações
Oswaldo Sanches Sequetin. - 15.ed. - São Paulo : Ática, 2004.
40p. : il. - (O cotidiano da história)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-09044-0

1. Civilização grega - Até 146 a.C. - Literatura infantojuvenil.
2. Democracia - Grécia - História. - Literatura infantojuvenil. 3.
Literatura infantojuvenil brasileira. I. Sequetin, Oswaldo. II.
Titulo. III. Série.

11-4343. CDD: 938
CDU: 94(38)

ISBN 978 85 08 09044-0 (aluno)
CL: 730692
CAE: 222199

2017
15ª edição
14ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O COTIDIANO DA HISTÓRIA



EDIÇÃO
REFORMULADA
E AMPLIADA

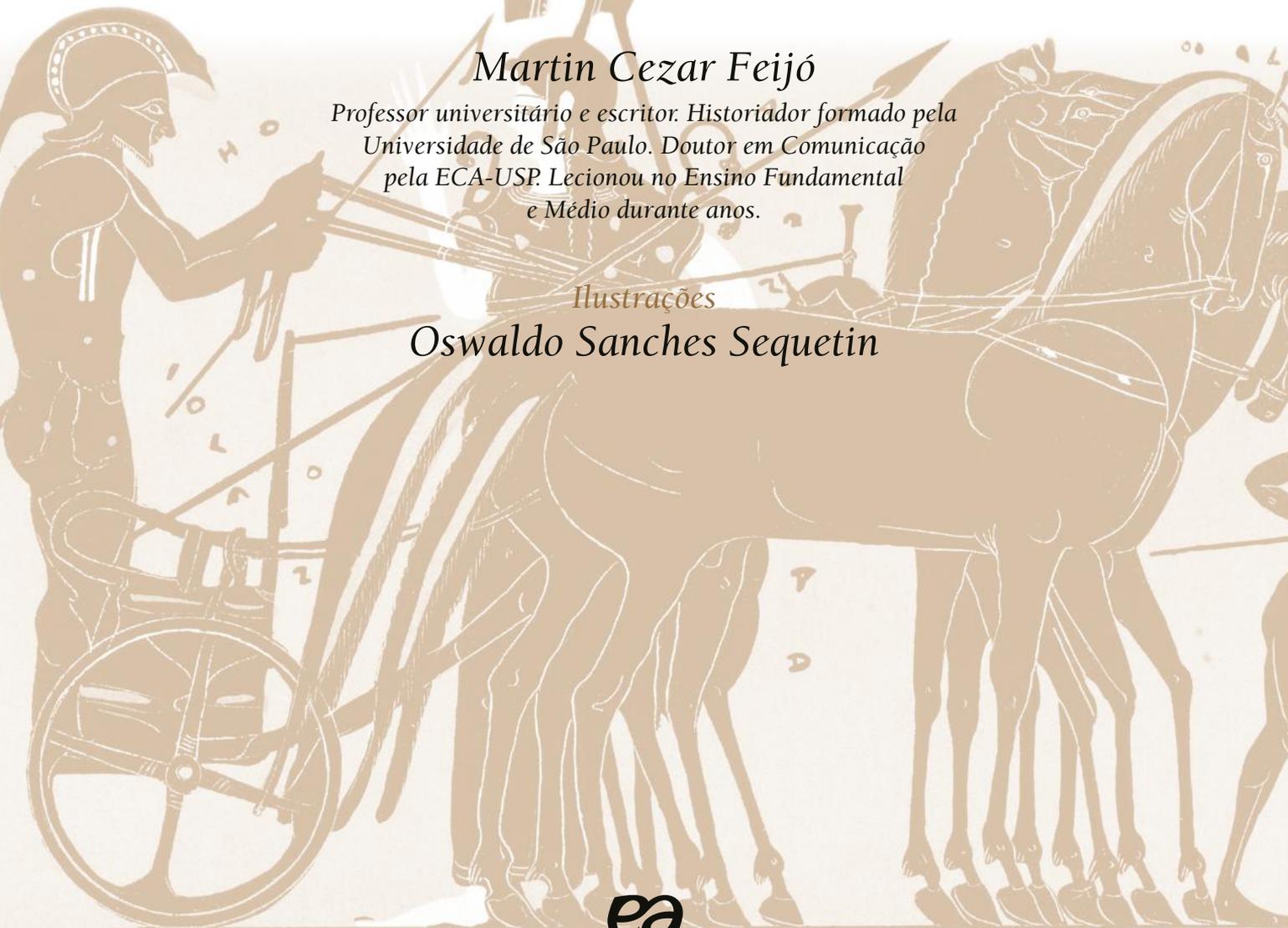
A democracia grega

Martin Cezar Feijó

*Professor universitário e escritor. Historiador formado pela
Universidade de São Paulo. Doutor em Comunicação
pela ECA-USP. Lecionou no Ensino Fundamental
e Médio durante anos.*

Ilustrações

Oswaldo Sanches Sequetin



ea

editora ática

Apresentação

Esta história se passa 399 anos antes do nascimento de Cristo. A cidade de Atenas, na Grécia, ainda sofria as consequências das várias guerras em que se envolvera nos últimos cem anos. A primeira batalha de peso foi iniciada em 490 a.C., contra os persas, confronto que promoveu grandes mudanças no mundo helênico. A principal delas foi o fortalecimento de Atenas, que se impôs sobre as demais cidades gregas após derrotar as tropas inimigas. Muito se deveu ao dinheiro arrecadado com a Confederação de Delos, uma coligação das cidades helênicas surgida durante a guerra, com o objetivo de recolher tributos para as despesas militares.

Este foi o período mais rico da história ateniense. Graças a esses recursos, a cidade, destruída pelas batalhas, foi praticamente reedificada, e teve início o momento mais significativo de um regime político nascido na Grécia: a democracia.

A riqueza de Atenas, que se tornou a mais bela das cidades antigas, se fez à custa de outras cidades e da exploração de outros gregos. Isto acabou provocando um outro conflito: a Guerra do Peloponeso. Iniciado em 431 a.C., somente terminou 27 anos depois, com a vitória dos espartanos, marcando o fim do domínio de Atenas sobre o mundo helênico.

É a cidade de Atenas, após seu apogeu e sua derrota, que você vai conhecer neste livro. Os efeitos das guerras estavam no cotidiano das pessoas. Simbolizando esse período foram criados, para contar esta história, dois jovens que poderiam ter existido: Glauce e Teodoro, uma garota curiosa e um rapaz valente, irmãos no sangue e na vontade de explorar e conquistar o mundo. E é com eles que nós vamos saber um pouquinho do cotidiano da história da cidade de Atenas, onde vigorou a chamada democracia grega.

Sumário

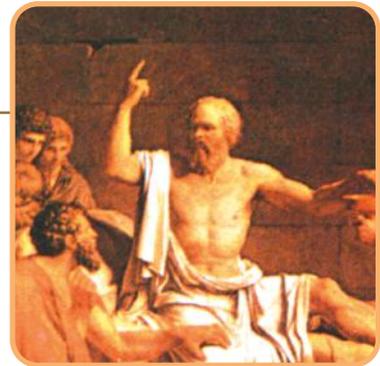
A democracia grega

- 5 *No Partenon*
- 8 *No Cerâmico*
- 11 *Na Assembleia do Povo*
- 13 *No oráculo de Delfos*
- 15 *Na ágora do Cerâmico*
- 18 *Na casa de Platão*
- 21 *O julgamento de Sócrates*
- 24 *No grande teatro de Dioniso*



Uma visão da História

- 29 *Introdução*
- 31 *O território grego e o povoamento*
- 32 *A evolução de Atenas*
- 34 *Os reformadores*
- 35 *O nascimento da democracia grega*
- 37 *Sócrates e a democracia grega*
- 39 *A Grécia dominada*
- 40 *Cronologia*





1

No Partenon

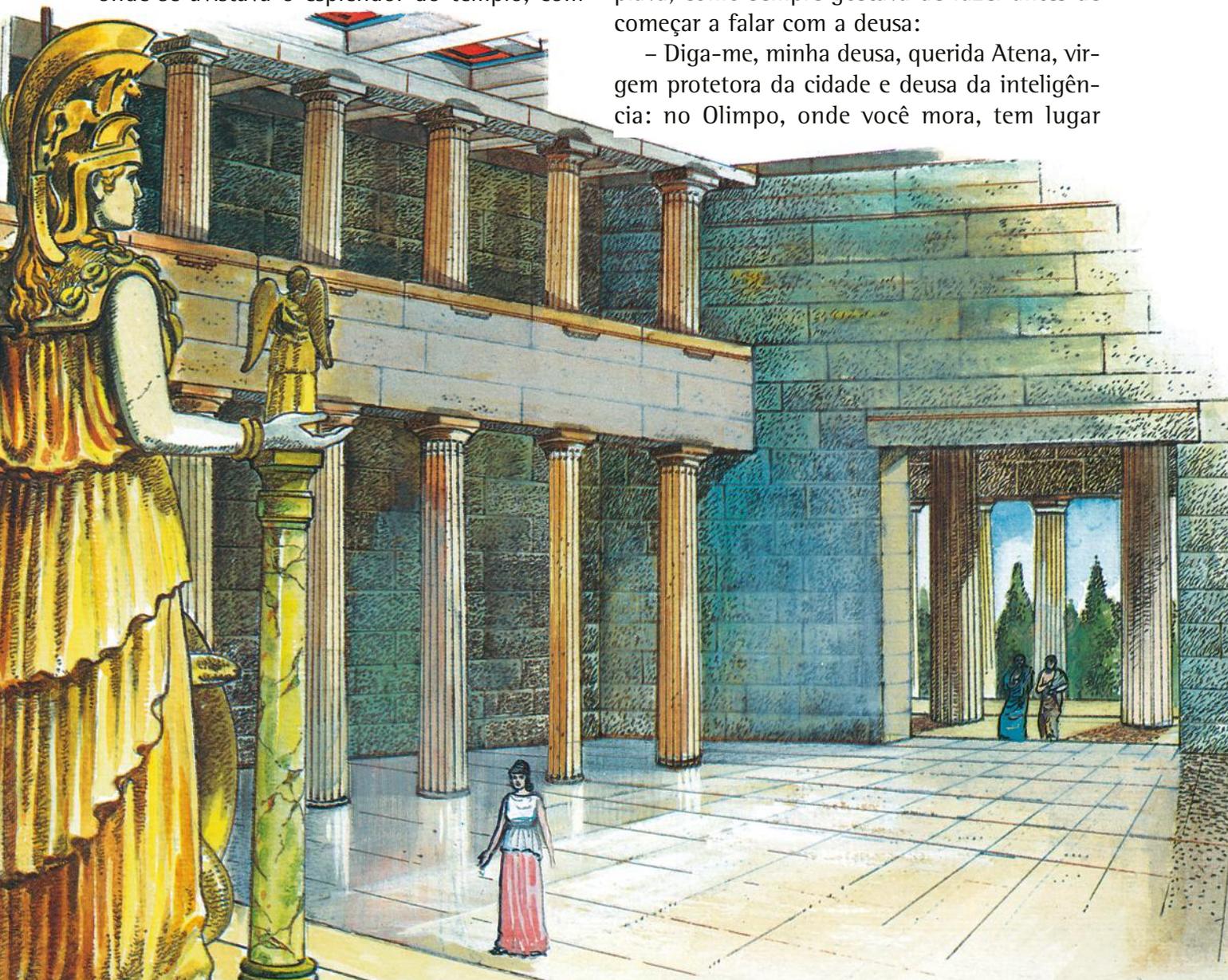
A tarde era bonita e o sol ainda brilhava forte. E Glauce foi ao encontro de Atena Políade, a deusa protetora da cidade de Atenas. Glauce havia ido ao ponto mais elevado da cidade, a Acrópole, sem avisar seu pai, um artesão do bairro do Cerâmico. Ela não tinha mãe, só um irmão mais velho, de nome Teodoro. Mas naquele momento ela queria ficar sozinha com a deusa, no templo do Partenon.

Após subir as escadarias de mármore, de onde se avistava o esplendor do templo, com

suas colunas trabalhadas, e também a imensa imagem da deusa Atena, Glauce entrou silenciosamente no Partenon. Ela procurava outra estátua, a que ficava no interior do templo, feita de marfim e folheada a ouro, com quem queria conversar.

Os olhos de Glauce brilhavam mais do que o sol naquele final de tarde. O templo estava deserto. Ela ouvia o eco de seus passos em direção à deusa. A solidão era propícia para o diálogo com Atena, que, imponente, olhava em linha reta, tendo em sua mão direita uma pequena estátua de Nike (símbolo da “vitória”) e na esquerda um escudo e uma lança. Vestida de túnica, toda trabalhada em ouro, a deusa tinha um capacete onde aparecia uma esfinge e, no peito, uma medusa – Glauce a contemplava, como sempre gostava de fazer antes de começar a falar com a deusa:

– Diga-me, minha deusa, querida Atena, virgem protetora da cidade e deusa da inteligência: no Olimpo, onde você mora, tem lugar



para uma moça curiosa? – Glauce ouvia apenas o eco de suas perguntas, que não tinham fim. – E os heróis, os semideuses, que ganharam a graça de habitar próximo aos deuses, o que fazem lá? Hércules ainda realiza seus trabalhos? E o jovem Aquiles, que o poeta Homero cantou, ainda conversa com sua mãe sobre sua ira e seu destino? Ulisses continua mentindo?

Enquanto Glauce perguntava, Atena Políade continuava parada, firme, serena e digna, como deve ser uma deusa, sugerindo, mais do que respondendo, com seu silêncio.

Os pensamentos solitários, e ditos em voz alta, que clamavam por respostas mais complicadas do que as perguntas que Glauce se fazia, foram interrompidos por passos fortes que vinham do pórtico de entrada.

Algumas pessoas entravam no templo, o que assustou Glauce. Ela não queria ser vista num diálogo tão íntimo com a deusa. Escondeu-se atrás de uma das colunas para observar quem entrava e o que iriam fazer ali.

Eram dois homens bem vestidos, da classe dos eupátridas, os bem-nascidos, que não procuravam a deusa, mas apenas conversavam entre si.

O mais velho dizia ao mais jovem:

– Escute bem, Meleto, o seu papel é muito claro. Não deixe de escrever ainda hoje ao arconte-rei. O futuro de Atenas depende de você! O futuro da democracia grega depende de sua coragem cívica!

Glauce, atrás de uma coluna, ouvia atentamente, sem entender muito bem o que aqueles dois conversavam em tom tão grave e em voz baixa, como se conspirassem.

– Pode deixar, Anitas – respondeu Meleto, o mais jovem. – Ainda hoje cumpro meu dever de cidadão ateniense. Com a graça e o apoio de Atena Políade, aqui diante de nós, entrego a carta-denúncia ao arconte-rei. É o mínimo que um jovem poeta como eu pode fazer pelo bem da cidade, pelo bem de sua pólis.

– Como você vai dizer ao arconte-rei, Meleto?

– Já decorei, conforme instruções suas e do orador Lícon. Vou dizer exatamente assim... – e com a voz empostada, declamando um texto

decorado, Meleto repetiu ao rico e chefe do partido democrático, Anitas, o texto acusatório: – Esta acusação jurada é de Meleto, natural do *demos* Piteu, contra Sócrates, filho de Sofronisco, natural do *demos* Alopecense. Sócrates é culpado de não acreditar nos deuses em que acredita a cidade e de introduzir divindades novas; é ainda culpado de corromper a juventude. Pena pedida: a morte.

– Muito bem, Meleto. E Lícon? O que vai fazer após a denúncia?

– Ele vai fazer na Assembleia do Povo o discurso de justificativa da acusação. Desta vez o velho irônico não escapa. Vamos condená-lo à morte para salvar a democracia de Atenas.

– Mais do que isso, jovem Meleto, vamos salvar Atenas!

Glauce, ainda escondida, começou a ficar assustada com o tom da conversa. E pensou: “Quem será esse Sócrates que parece ser tão perigoso? Será um monstro? O que ele faz com os jovens para ser condenado à morte?”. Absorta em seus pensamentos, fruto sempre de uma grande e perigosa curiosidade, Glauce nem percebeu que uma de suas pulseiras caía no chão, fazendo grande barulho.

– O que foi isto? Que barulho foi este? – gritou Anitas, já com a espada fora da bainha.

